

**ARTIGOS/ENSAIOS**

**Signo /Seu Lunga/: significados difundidos pela literatura de cordel**

Maria Gislene Carvalho Fonseca  
Michael Manfred Hanke



## Signo /Seu Lunga/: Significados difundidos pela literatura de cordel<sup>1</sup>

Maria Gislene Carvalho Fonseca<sup>2</sup>

Michael Manfred Hanke<sup>3</sup>

### RESUMO

Joaquim dos Santos Rodrigues é o referente denotativo do signo /Seu Lunga/. Cada vez um número maior de pessoas conhece os causos e continua reproduzindo o discurso ao qual acessaram pela literatura de cordel. Observamos a construção semiótica de um personagem que tem referente no real pela mídia cordel, uma mídia popular e com grande público no Nordeste Brasileiro. Neste trabalho observamos a construção de *Seu Lunga* como personagem e seus significados capazes de torná-lo mito do imaginário social nordestino. Realizamos uma análise semiótica e bibliográfica. Abordamos conceitos de semiótica, mito e imaginário e os aplicamos ao discurso construído pelo cordelista Abraão Batista ao seu personagem no folheto “Seu Lunga: o homem mais zangado do mundo”.

### PALAVRAS-CHAVE

Cordel, Seu Lunga, Símbolo, Imaginário, Folkcomunicação

## Sign /Seu Lunga/: Meanings diffused by the literature of Cordel

### ABSTRACT

Joaquim dos Santos Rodrigues is the denoting referent of the sign /Seu Lunga/. Every time, more people know the histories and keep reproducing the discourse that have accessed by the literature of cordel. We note the semiotics construction of a character that has real relative by the media cordel, a popular media with a big public in Brazilian Northeast. In this paper, we note the construction of Seu Lunga like a character and its meanings ables to become a myth of social imaginary northeastern. We do a semiotics and bibliographic analysis. We approach concepts of semiotics, myth and imaginary to the discourse constructed by Abraão Batista to his character in the folder “Seu Lunga: o homem mais zangado do mundo”.

### KEYWORDS

Cordel, Seu Lunga, Symbol, Imaginary, Folkcommunication

---

<sup>1</sup> Uma versão anterior deste artigo foi apresentada no Intercom Nordeste 2012, Faculdade Boa Viagem (Recife-PE), no GP Estudos Interdisciplinares em Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: [mgisacarvalho@gmail.com](mailto:mgisacarvalho@gmail.com).

<sup>3</sup> Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, na linha de pesquisa “Estudos de Mídia e Produção de Sentido”, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, email: [michaelhankebeaga@yahoo.com.br](mailto:michaelhankebeaga@yahoo.com.br).

## Introdução

No Nordeste Brasileiro, quando falamos em ‘Seu Lunga’, um personagem da literatura de cordel que remete a Joaquim dos Santos Rodrigues, temos uma infinidade de referências, todas relacionadas a respostas impacientes a perguntas óbvias. O imaginário que se forma em volta do personagem é composto pelos significados que Seu Lunga encontra como um símbolo de grosseria ou mesmo de piada.

Acontece, então, uma ressignificação do termo /Seu Lunga/. Ele vai do homem real – Joaquim dos Santos – ao personagem difundido inicialmente pela oralidade, em seguida pelos folhetos de cordel. Seu Lunga é apelido de Joaquim dos Santos, um comerciante da cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, que se tornou conhecido por suas respostas, que costumam ser grosseiras e impacientes. Este comportamento tem inspirado poetas cordelistas a produzirem versos contando gracejos referentes a quebras discursivas, em que *Seu Lunga* responde de forma literal às perguntas feitas de forma ambígua, ou com intolerância a situações autoexplicativas.

‘Seu Lunga’, que passa de homem real a personagem, vira um signo e simboliza grosseria. É necessário esclarecer aqui que quando utilizamos ‘Seu Lunga’ entre aspas, nos referimos ao apelido de Seu Joaquim, portanto, o homem real. *Seu Lunga* em itálico refere-se ao personagem dos folhetos. E /Seu Lunga/ entre barras representa o signo, cujo referente passa por diversas etapas.

Os signos compõem nossas percepções do mundo e este é um caso em que isso acontece. É a partir deles que conseguimos fazer conexões cognitivas e compreender a realidade. Neste caso em que tratamos /Seu Lunga/ como signo, analisamos seus significados que são difundidos pelos folhetos e incorporados pelo imaginário social nordestino. Para isso, aplicamos os conceitos da semiótica ao signo e seus referentes, que são produzidos e difundidos por uma mídia popular, os folhetos de cordel, que atribui a ‘Seu Lunga’ determinadas características que o compõem como personagem. Utilizamos o primeiro volume do folheto “Seu Lunga: o homem mais zangado do mundo”, do poeta Abraão Batista, o primeiro a imprimir as histórias e fazer de *Seu Lunga* um personagem conhecido além das fronteiras de Juazeiro do Norte, cidade onde vive.

A reprodução midiática de *Seu Lunga* como “o homem mais zangado do mundo”, seja em folhetos, seja na TV ou nas revistas de circulação nacional faz dele um personagem da Folkcomunicação. É a comunicação popular, realizada por um sujeito social que se

apropriada de temas cotidianos que circulam na oralidade, em poesia ou em conversações cotidianas, quando os indivíduos trocam “as novas” de *Seu Lunga* como piada que atribuem a ele as características que o tornam conhecido tanto no Nordeste como em todo o Brasil, a partir de publicações de circulação nacional. O tema popular chega à grande mídia e utiliza os signos do cordel para sua reprodução. A vida de ‘Seu Lunga’ é alterada em função dos significados que circulam sobre ele. De homem simples do interior do Ceará, Seu Lunga vira personagem midiático.

Neste trabalho, pensamos o signo em relação ao seu objeto, tratando /Seu Lunga/ como uma construção simbólica com variadas significações. Para isso, utilizamos os conceitos de signo trabalhados por Eco (1990); pensamento simbólico para Morin (1999) e imaginário para Legros et al (2007), considerando que a criação de um personagem passa por estes conceitos. Esta abordagem é importante, pois, para Eco (1990), “na perspectiva peirciana, toda a vida mental é organização sgnica”, e “a significação é a relação entre um signo e a coisa de que ele é signo”. (ECO, 1990, p. 141).

### Quem é Joaquim dos Santos, o personagem Seu Lunga?

Joaquim dos Santos Rodrigues, ‘Seu Lunga’, se fez conhecer a partir de suas respostas impacientes para aqueles que fazem “perguntas imbecis”. Ele seria só mais um homem comum no interior do Ceará, não fossem os interlocutores que usaram sua paciência curta para fazer piada. Esta imagem de homem grosseiro foi difundida pelas conversações no cotidiano daqueles que conheciam Joaquim ‘Seu Lunga’ e faziam os relatos que começaram a ser ampliados e poetizados pela literatura de cordel na década de 1980 com os folhetos escritos por Abraão Batista.

‘Seu Lunga’ mora em Juazeiro do Norte- Ceará, a 514Km da capital, Fortaleza. Devoto de Padre Cícero, é dono de uma sucata que vende de tudo, desde aparelhos de televisão que não se encontram mais em lojas, até laranjas, ao preço de 6 por R\$1. Nasceu no município de Caririaçu em 1927 e recebeu o apelido de uma senhora, que era vizinha, e passou a chamá-lo de Calunga, que mais adiante se reduziu para Lunga.

“O pai Lunga reflete a rigidez do homem que deu origem a toda a construção da personagem pouco flexível, mas ao mesmo tempo deixa transparecer o orgulho comum a todos os pais: oferecer boa educação aos filhos.” (LINDOSO, 2000) ‘Seu Lunga’ se orgulha dos filhos, todos com uma profissão, e se arrepende de não ter dado a mesma educação que recebeu do pai, por conta da esposa que era contra dar castigo aos filhos. Ele

começou a trabalhar aos oito anos de idade, na roça com o pai, e aos dezesseis anos foi morar no Juazeiro do Norte. Casou-se em 1951 com uma prima e teve com ela 13 filhos.

Muitas mídias encontram em ‘Seu Lunga’ uma imagem curiosa, ideal para ser explorada, seja apresentando sua personalidade conforme é descrito como personagem, como também uma tentativa de reconhecer quem é este ‘Seu Lunga’ que virou um personagem tão estereotipado, a ponto de virar símbolo de grosseria. Um exemplo disso é a revista “Entrevista”, produzida pelos alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, de número 9, ano 1999 traz ‘Seu Lunga’ como entrevistado. Na conversa ele fala sobre sua infância, a educação rígida recebida de seu pai, sobre a educação que deu a seus 13 filhos, opina sobre o sistema político do país, enfim, mostra-se um homem que entende e fala bem sobre qualquer assunto e com qualquer pessoa, como ele mesmo diz.

‘Seu Lunga’ e *Seu Lunga* também são abordados em revistas como Playboy (junho, 2011), Contexto (agosto, 2011) e Cariri (agosto, 2011), na televisão em quadros como “Me Leva Brasil”, do Fantástico (Rede Globo) e no Domingo Espetacular (Rede Record), não sendo esquecido na programação local, como no programa Ênio Carlos, na TV Diário.

Ao chegarmos à sucata onde ‘Seu Lunga’ trabalha, o que percebemos é exatamente o contrário da hospitalidade, conforme relatam os folhetos. Durante os 30 minutos de conversa que tivemos, percebemos claramente o incômodo causado pelas perguntas, pelas pessoas que passam na rua e chamam seu nome. ‘Seu Lunga’ afirma sentir-se incomodado por muitas pessoas o procurarem para fazer entrevistas e para tirar fotos. Como prova disso, assim que chegamos para entrevistá-lo, a resposta para a primeira pergunta foi “isso é uma coisa que não interessa a você”. (A pergunta foi sobre o que ele acha da imagem dele, passada pelos cordéis). Em seguida chegou um grupo de turistas de Salvador-BA e pediram para tirar uma foto com ele. ‘Seu Lunga’ respondeu perguntando se em Salvador, por acaso, não teria homem para tirar foto, pois foi necessário irem a Juazeiro do Norte para isso.

Mesmo que ‘Seu Lunga’ tenha, realmente, uma personalidade rude e não-cordial, ele se julga um homem injustiçado pelas “mentiras” que contam sobre ele.

*Olhe, nós estamos num Brasil sem moral. Num Brasil sem respeito. Num Brasil sem Justiça. Porque tem um senhor aqui que escreve uns folhetozinhos (cordel) falando da minha pessoa. Dizendo o que eu não sou, inventando histórias, inventando isso e aqui outro, dizendo que sou o homem mais ignorante do mundo. Mais zangado do mundo. E fica inventando cada vez mais histórias.*

<http://www.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2009/03/29/noticiasjo>

A identidade de *Seu Lunga*, apresentada nos cordéis é uma construção de vários discursos. É muito comum ouvir ao menos uma anedota atribuída a ‘Seu Lunga’, e isso gera um ciclo em que cada um sabe uma história, mesmo que não seja sobre ele, mas logo refere-se a *Seu Lunga* quando trata-se deste tipo de piada, e conta-a com suas devidas distorções. Com suas histórias e causos, rimos através das respostas, nem sempre reais, mas que aparecem sempre quando é feita uma pergunta ou comentário “idiota”:

*O filho de Lunga um dia  
De uma bicicleta cai  
A mãe não estava em casa  
Seu Lunga ao hospital vai  
Perguntou-lhe a enfermeira:  
- Moço, o senhor é o pai?*

*Lunga disse: -Eu sou a mãe!  
E a senhorita enfermeira  
Pelo que vejo não serve  
Nem para ser parteira  
Devia ser mais sabida  
E não perguntar besteira (Silva, p. 07)*

Os cordéis possuem a capacidade, por atingirem diretamente um grande número de pessoas, de criar mitos, de reforçar estereótipos e de dar suporte ao imaginário popular. No caso de *Seu Lunga*, isso não é diferente. “O mundo do cordel é um mundo mítico”. (TAVARES JUNIOR, 1980, p. 15) Os cordéis, por possuírem uma linguagem aproximada da fala cotidiana, conseguem levar suas histórias a diversos lugares e fazem isso com a imagem de ‘Seu Lunga’.

O cordel tem a função de registrar os fatos e traduzi-los para a linguagem cotidiana daqueles que irão recebê-lo. Os assuntos devem despertar o interesse do público, ou ainda, ser de grande relevância nacional. São temas que envolvem figuras políticas importantes, ou celebridades, e ainda fatos marcantes para a história. Ao realizarem este processo de ressignificação, de acordo com Luyten (1992), os cordelistas atuam como mediadores entre os meios de comunicação tradicionais e os receptores da notícia que se encontram no que ele chama de locais específicos, que se entende como o sertão, ou qualquer outro lugar em que se tenha difícil acesso às informações, como defende a teoria da folkcomunicação.

Os cordéis exercem uma mediação sobre os causos inventados de Seu Lunga. Essa arte, assim como todas as outras, transmite valores, observações e relatos que foram percebidos por todos aqueles que tiveram a oportunidade de conhecer 'Seu Lunga'. É senso comum a opinião sobre a ignorância deste homem. Mas foi por meio dos cordéis que ele se tornou tão conhecido no Nordeste e virou símbolo de grosseria. Mas, segundo 'Seu Lunga', estes cordéis quase nunca trazem fatos reais e isso o incomoda muito. O imaginário se sobrepôs, assim, ao que ele chama de real.

*O que ponho no papel  
Caro leitor foi passado  
Depois de ter pesquisado  
Perguntas lhe causam arenga  
Fica a fumar numa quenga  
Pense num velho afobado*

*Está na mídia Seu Lunga  
Na memória e no arquivo  
Filmado pelo Fantástico  
Num quadro demonstrativo  
O povo já o consagrou  
Lunga com seu mau-humor  
Já é um folclore vivo (Rinaré, p. 01, Vol. 07)*

A irritação de Seu Lunga, suas respostas para perguntas e comentários que julga idiotas causam o riso. É um riso até de quem escuta as respostas. Já se vem explicando a irreverência cearense como uma "saída criativa para a crise ou uma alternativa aparentemente não violenta para reagir a outras agressões". (CARVALHO, p. 608, 2006)

## Signos, Símbolos e Imaginário na Folkcomunicação

A Folkcomunicação, como uma teoria que, entre outros assuntos, estuda as manifestações culturais populares como formas comunicativas, é uma perspectiva para a análise semiótica, também. Estas manifestações culturais populares estão sempre carregadas de símbolos, significados e representações que merecem atenção e que podem ser trabalhadas utilizando diversos métodos.

Os cordelistas, como agentes folkcomunicacionais, produzem tais discursos arraigados na cultura popular. O discurso sobre *Seu Lunga* é um exemplo. Seu Lunga é também um representante Folk, um personagem do imaginário social e popular do Nordeste. E é como um símbolo que o analisamos aqui.

Os signos são fundamentais para estabelecer os processos de comunicação. "O signo é usado para transmitir uma informação, para indicar a alguém alguma coisa que um

outro conhece e quer que outros também conheçam.” (ECO, 1990, p.21). Para Eco (1990), a mensagem é uma organização complexa de vários signos, mas para que haja compreensão, é necessário que emissor e receptor compartilhem de um mesmo código, que são definidos como “sistemas que consistem de elementos que representam, (substituem), algo. Tais elementos são chamados de “símbolos” e o algo que representam é chamado “significado”.” FLUSSER, [c.a. 1986-87], p. 2)

Segundo Eco (1990), signos podem ser dotados de vários significados, assim como um mesmo referente pode ter vários significantes. Podem também ser considerados em relação aos seus significados e com relação aos efeitos sobre os receptores, de acordo com a mediação realizada. Signos “equivocos” e “plurívocos” (ECO, 1990, p. 46) são classificados de acordo com seus significados. Ambos possuem mais de um significado, sendo os equivocos relacionados aos homônimos e os plurívocos relacionados às metáforas e conotações.

Na literatura de cordel, os signos organizados no código da fala dos poetas, compõem uma poesia próxima da oralidade, inclusive por conta de suas origens e da prática performática que se assemelha à cantoria. Tais códigos precisam ser compreendidos pelos leitores/ouvintes para que haja decodificação e, no caso da descrição de Seu Lunga, o riso. Códigos possuem uma série de regras de composição que atribuem significado aos signos, estabelecendo os processos de significação, ou seja, uma representação da realidade. Para isso, cada signo é composto pela tríade significado – significante – referente.

É essa variedade de significados que permite compreendermos o tema trabalhado neste texto com relação à multiplicidade de significados que /Seu Lunga/ adquire quando se torna personagem midiaticizado. Esta pluralidade de significados é feita quando os personagens são interpretados de acordo com a subjetividade de cada indivíduo receptor, que é também mediador na difusão de um caso. Os líderes de opinião ressignificam as mensagens recebidas. É o que o faz o poeta Abraão Batista, que midiaticiza em folhetos os casos contados popularmente, atribuindo-os a ‘Seu Lunga’, criando assim seu personagem.

Há divergências terminológicas quanto à utilização das palavras significado, significante e referente, mas elas serão utilizadas aqui por julgarmos adequadas para a compreensão de /Seu Lunga/ como o significante de um símbolo. Para isso, nos baseamos no conceito de Morin (1999), que afirma que o significante é o nome, um signo arbitrário

de um significado - sentido, e de um referente, que trata-se da coisa nomeada. Tratamos aqui do signo /Seu Lunga/ e dos significados tantos que ele adquire em suas diversas formas de utilização, cada uma com um referente específico, mas que reforçam a significação da grosseria.

O símbolo impõe-se como algo que contém referente, significante e significado no mesmo elemento. “O símbolo comporta a relação forte entre sua própria realidade e a realidade designada.” (MORIN, 1999, p. 188) Já para Eco (1990), os símbolos são os signos classificados como vagos, ou seja, que possuem vagamente uma série de significados, estabelecidos por convenções muitas vezes arbitrárias. Assim, os signos estão ligados à percepção que temos da realidade e os utilizamos para representação linguística destas realidades. Os símbolos e as significações que eles adquirem a partir da produção de sentidos no imaginário para cada indivíduo é feito de forma subjetiva, por isso, seriam considerados por Eco (1990) como vagos e, portanto, flutuantes. Mas os contextos e as práticas sociais, os hábitos, as crenças e os diálogos fazem parte da construção de sentidos atribuídos a cada signo.

Na construção do signo e na relação entre significante e significados estão as denotações e conotações, que integram a variedade de sentido nos discursos. Um signo, segundo Eco (1990), denota uma posição no sistema semântico, no conjunto de signos que compõe um código. Já a conotação remete a mais de uma unidade do sistema de significação, sendo utilizada em metáforas através de combinações entre o signo e o imaginário, dando ao significante a possibilidade de diversos significados.

A conotação é a possibilidade de inserir subjetividade aos signos. É a atribuição de sentidos a partir da subjetividade dos indivíduos ou da particularidade das situações em que cada signo é utilizado. Por isso a comunicação é um processo de mediação, e os sentidos de cada mensagem varia entre os sujeitos. Essa variação de significados, a possibilidade de se compreender signos de modo diferenciado em cada circunstância é que possibilita a conotação. /Seu Lunga/ pode ser atribuído de uma variedade de significados, dependendo de cada utilização. Ele pode ser o homem real, o personagem grosseiro, o personagem cômico, um que mescle grosseria e comicidade, dependendo da forma como cada receptor tomou conhecimento de quem é ‘Seu Lunga’ ou da forma como utiliza o signo. Essa variedade de significados faz de /Seu Lunga/ um signo conotativo, com referentes fluitos e variáveis.

De acordo com Eco (1990), o uso da linguagem está relacionado aos estímulos emotivos constituídos pelos termos escolhidos. No caso do cordel sobre *Seu Lunga*, a emoção suscitada pelo discurso é o riso, justamente pelas possibilidades de variadas interpretações que um enunciado poderia ter e que Seu Lunga entende como errado e merecedor de resposta agressiva. É a ambiguidade textual, característica da literatura, cujos significados não demandam uma comprovação científica, mas permite que a imaginação e a subjetividade façam parte da construção dos significados gerais do texto.

A semiótica conotativa é encontrada em segundo e terceiro níveis e, por isso, possui variados significados. O segundo nível é aquele cujos significantes são signos de semiótica denotativa. O terceiro possui significantes como signos de uma semiótica denotativa em primeiro nível e conotativa em relação ao nível mais baixo. É como no caso de 'Seu Lunga' que em primeiro nível representa Joaquim dos Santos e em segundo nível é *Seu Lunga* personagem e/ou a metáfora que se refere às pessoas de respostas rudes. A variação dos níveis de atribuição de significados a partir da denotação e da conotação é que permitem a conotação dos signos.

De acordo com Morin (1999), os símbolos têm um sentido evocativo, que suscitam a representação da coisa nomeada. Para ele, o espírito humano reside na linguagem e as palavras são, além de evocadoras, indicativas, pois são capazes de designar coisas. Os símbolos são representações do imaginário humano e estão presentes em todos os âmbitos da sociedade remetendo à construção da realidade. A partir de símbolos, o imaginário liga-se diretamente a uma ou mais representações da realidade. /Seu Lunga/ se torna um símbolo através da representação de uma realidade que é construída midiaticamente.

Falar em personagens, por exemplo, quando o destinatário tem conhecimento do significado daquele nome próprio, evoca a imagem construída pelo autor em sua obra. Por exemplo, quando fala-se em João Grilo, conhecedores do Auto da Compadecida de Ariano Suassuna ou do folheto de João Martins de Athayde terão em mente a imagem do personagem sertanejo, franzino e muito esperto, da forma como foi construído. Isto é um exemplo de como personagens, carregados de significados em duas descrições, tornam-se símbolos que o imaginário retoma sempre que há alguma situação de representação.

Na Folkcomunicação isso acontece, pois a comunicação popular está carregada dos significados do imaginário coletivo. São estes símbolos que integram a prática e o sentido que o povo dá aos seus códigos. Nos folhetos de cordel, a linguagem está repleta de

significações que retomam a símbolos que se fazem presentes no cotidiano popular. Seja por religiosidade, por questões sociais, ou mesmo por gracejos, como no caso de *Seu Lunga*.

A representação existe para reconstituir algo em sua ausência, de acordo com Morin (1999).

“O poder evocativo das realidades concretas e subjetivamente vividas expande-se na linguagem poética e, sobretudo no pensamento justamente denominado simbólico, pois suas noções essenciais são símbolos intensamente carregados da presença, da verdade e das virtudes simbolizadas.” (MORIN, 1999, p.190)

Esta realidade, representada e reconstruída pelos símbolos, faz parte do que chamamos de imaginário. O imaginário é o lugar onde os símbolos se constituem e onde se criam continuamente seus significados. O imaginário é a subjetividade coletiva. É o elo mais forte de ligação de pensamentos e significados dentro de um meio social. É a relação que cada indivíduo cria com seus símbolos e atribui-lhes significado.

Legros et al. (2007) apontam, dentre as funções sociais do imaginário a criatividade social e individual e a comunhão social que favorecem os sistemas de memória coletiva e representação das tradições. Para os autores, as relações entre imaginário e real revelam a complexidade da condição humana. O imaginário é um tipo de representação da realidade que integra as sensações, representações, cultura, imaginação, ficção, percepções, cognições e interpretações simbólicas que atribuem significados às práticas cotidianas. Está ligado às tradições e é constituído e constrói realidade a partir dos seus signos. Os símbolos recebem significados e significam, como em um ciclo, o imaginário coletivo.

O psicológico está diretamente ligado às representações do imaginário. “O medo nos contagia, o fanatismo, o entusiasmo das massas, o vasto repertório das paixões, a conquista do absoluto ou a procura do “desenraizamento” e o gosto da aventura.” (LEGROS et al, 2007, p.18). São os símbolos que integram o imaginário e criam mitos e representações da realidade, por exemplo, as manifestações populares de comunicação, integração, rituais, manutenção de tradições, criação de arquétipos etc. Este imaginário constitui a cultura, e da cultura temos as atribuições de significados. A Folkcomunicação analisa estes signos relacionados ao imaginário popular, e a utilização que os indivíduos fazem destes significados, levando-os aos seus costumes cotidianos. Esta simbologia que constitui o imaginário é que compõe os elementos comunicacionais populares.

Legros et al. (2007), apresentam a noção de imaginação como sinônimo de imaginário. E a imaginação seria ao mesmo tempo uma representação e imaginário, por isso está relacionada à realidade e a representa através dos símbolos. “O imaginário é um pensamento simbólico total na medida em que este último ativa os diferentes sentidos de compreensão do mundo.” (LEGROS et al, 2007, p. 112).

Os símbolos demandam interpretação. Personagens só se fixam no imaginário das pessoas, pois há interpretação de seus atos, comportamentos, personalidades. O interpretante seria, de acordo com Eco (1990), outro signo que traduz o primeiro signo, podendo ser uma ação ou comportamento, uma mediação exercida no momento da transmissão dos signos e de sua decodificação. Por exemplo, o riso pode atuar como interpretante de anedotas. O interpretante “é o mecanismo semiótico através do qual o significado é predicado de um significante.” (ECO, 1990, p.154)

Todos os significados conotativos dependem de interpretação, o que demanda também a consciência individual e as mediações sociais que a possibilitam. A cognição existente através dos signos, sejam eles denotativos ou conotativos, depende da consciência que os sujeitos têm de cada signo. A interpretação sugere uma experiência anterior de conhecimento para que os significados sejam atribuídos aos signos.

Os símbolos imaginários proporcionam uma coesão entre os indivíduos que os compartilham, permitem o uso de metáforas para explicar a realidade e diferentes tipos de interpretação simbólica. Permitem criar personagens com formas ampliadas, caricaturadas. São personagens mitológicos. O uso dos signos permite a apreensão de realidades e das formas como elas se apresentam. Então, faz-se uma construção simbólica da realidade, interpretando-a a través de signos e seus significados, sob a ótica do imaginário e das representações sociais.

## Personagem Seu Lunga e sua significação

A imagem de ‘Seu Lunga’ como homem grosseiro começou a ser tratada na literatura de cordel através do discurso de Abraão Batista, professor aposentado da Universidade Regional do Cariri, Urca, que em 1987 publicou a primeira edição do cordel “Seu Lunga, o homem mais zangado do mundo”. Nasce aí o *Seu Lunga* personagem, o mito ao qual são atribuídas diversas anedotas que contam casos de perguntas que não receberam a resposta desejada. Depois da iniciativa de Abraão Batista, muitos outros

cordelistas passaram a contar novos causos e repetir outros. *Seu Lunga* torna-se um mito do imaginário nordestino.

Somos levados a acreditar que ‘Seu Lunga’ possui as características das quais ouvimos falar, confundindo o homem real e o personagem. E Joaquim dos Santos realmente tem tais características, mas a forma como nos é apresentado o *Seu Lunga* contém exagero e é feito de forma caricaturada. A representação, a transformação de ‘Seu Lunga’ em personagem destaca apenas uma única característica, que o faz ser lembrado pela simples menção de um nome. Por exemplo, quando conhecemos alguém que não é muito simpático, logo apelidamos de *Seu Lunga*. Assim, a partir do uso que a recepção faz deste personagem, ele passa a ser então /Seu Lunga/, um signo.

A identidade e os significados que se construíram a partir dos cordéis que circulam pelo Nordeste, e escapam de suas fronteiras, contém signos que são decodificados com o riso.

*Numa noite, já sem sono;  
uma muriçoca a zumbir  
nos ouvidos de Seu Lunga  
que não podia mais dormir  
virava prum canto e outro  
sem a bicha querer sumir.*

*Depois de perder o sono  
um bote Seu Lunga armou  
na rapidez de um gavião  
a tal muriçoca pegou  
acendeu a luz do quarto  
e para o inseto gritou:*

*Muriçoca filha da égua  
você agora vai ver  
se é bom fazer zoada  
pra ninguém adormecer;  
e gritou pra muriçoca  
até o dia amanhecer!*

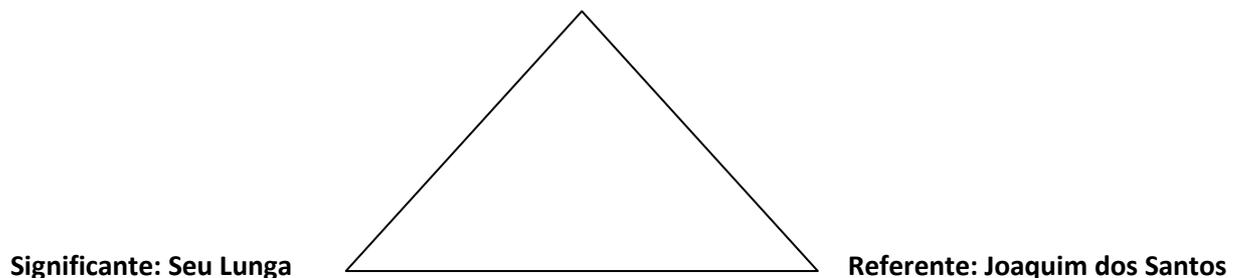
O riso é um interpretante capaz de se espalhar com facilidade, viabiliza a consagração de uma identidade inventada. *Seu Lunga* passa a ser um bem de mercado, um produto, buscado por quem os compra para conhecer os novos causos.

*Todo mundo quer ouvir  
de Seu Lunga a lição  
outros até procuram  
na rua, ou no salão  
a última de Seu Lunga  
com a sua malcriação.*

Assim, /Seu Lunga/ é utilizado na identificação do conteúdo de um folheto. Nas capas, os títulos contêm o nome do personagem como instrumento de reconhecimento de que se trata de histórias de gracejo contando respostas impacientes às perguntas mal formuladas. O signo /Seu Lunga/ já vem carregado das significações que os relatos orais o atribuem como características. Assim, quando chegam aos folhetos, o nome do personagem é um símbolo que já remete ao imaginário criado sobre o homem.

Quando falamos em Seu Lunga, /Seu Lunga/ é o signo utilizado para remeter ao homem real, Joaquim dos Santos, natural de Juazeiro do Norte, dono da sucata e este é o referente. Mas o imaginário oferece ao signo /Seu Lunga/ significados diferentes, que normalmente são aqueles divulgados pelo personagem dos folhetos de cordel: homem rude, grosseiro e impaciente a ponto de ser engraçado.

**Significado: características do personagem apresentado nos folhetos**



O significante do signo /Seu Lunga/ pode ter significado denotativo e/ou conotativo. Em sentido denotativo, o referente é o homem conhecido como 'Seu Lunga'. Conotativamente, o sentido está ligado ao personagem *Seu Lunga* dos folhetos ou difundiu-se como alcunhas, por exemplo. Quando, no cotidiano, as pessoas respondem grosseiramente de forma inerperada a alguma pergunta, costumam ser chamadas de 'Seu Lunga', como forma de associação de comportamentos. Como se o signo /Seu Lunga/ fosse um tipo de adjetivo, um signo designador, realçando elementos de determinada situação ou comportamento, no caso, é comum acontecer para respostas agressivas.

O máximo de univocidade corresponde ao máximo de abertura. Assim, parecem absolutamente unívocos os nomes próprios de pessoas, opostos ao caráter genérico dos nomes comuns: mas o nome /José/ é aplicável e aplicado de fato a tantas pessoas que constitui antes um exemplo extremo de homonímia e até de equivocidade. (ECO, 1990, p. 47)

No caso, /Seu Lunga/ pode referir-se a 'Seu Lunga', ao *Seu Lunga* personagem ou a pessoas com características semelhantes e que recebem tal apelido. Joaquim dos Santos é

o sentido denotativo de /Seu Lunga/, enquanto a conotação faz parte da representação feita pelo poeta nos folhetos. Mas este sentido só existe diante do conhecimento do personagem. O código utilizado necessita do reconhecimento dos envolvidos na comunicação. Quem não conhece o personagem Seu Lunga não reconhecerá seu comportamento em outras pessoas e o signo não será compreendido. Os significados de /Seu Lunga/ estão impressos nos folhetos e:

*Acontece que Seu Lunga  
é inimigo da burrice  
de perguntas idiotas  
gente besta e tolice,  
por isso ele se zanga  
com qualquer idiotice.*

A menção do signo /Seu Lunga/ evoca a lembrança de causos em que conta-se alguma anedota atribuída ao personagem, sem que seja necessária a presença dele, como acontece quando vemos a capa de um folheto. Ele permanece como referência de impaciência e respostas cômicas a perguntas óbvias. /Seu Lunga/ guarda uma série de significados a ponto de virar um adjetivo capaz de permitir identificarmos traços do comportamento de alguém caracterizado como “Lunga”.

Os signos utilizados nos folhetos podem adquirir significados diversos, dependendo do diálogo que o leitor estabelece com o poeta quando lê seus versos e os interpreta de acordo com a própria bagagem cultural. Não apenas os nordestinos, que compartilham do código usado pelos poetas em expressões regionais, mas turistas, por exemplo, ao comprarem cordéis como *souvenirs* têm acesso à essa linguagem, mas oferecem a ela um sentido diverso.

Na novela ‘Salve Jorge’, da Rede Globo, há um personagem nordestino que mora no Rio de Janeiro e é sempre impaciente, com respostas grosseiras a quem dirige-se a ele. Características de *Seu Lunga*. Logo nos primeiros capítulos da telenovela, pela semelhança com o personagem aqui tratado, Seu Galdino se diz primo de ‘Seu Lunga’. Percebemos, então, um caso de mediação do signo /Seu Lunga/, quando o assunto é a grosseria que é ao mesmo tempo rude e cômica.

Este signo é convencionalizado pelos conhecedores das histórias. A ideia foi lançada pelo poeta, mas é firmada pelos discursos que propagam os causos ou atribuem a ‘Seu Lunga’ toda e qualquer referência de grosseria. Por isso, pode ser considerado equívoco – representa significados diversos com um mesmo signo, ou plurívoco – remete a metáforas, ou um signo vago por tratar-se de um símbolo.

/Seu Lunga/ passa a fazer parte do imaginário, tornando-se um símbolo de grosseria, ainda que o comportamento difundido pelos folhetos tenha sentido cômico. A caricatura, o exagero, a representação de atitudes inesperadas compõe o personagem que não é mais o referente denotativo Joaquim dos Santos. Trata-se, então, da criação de um mito, cujos significados e referentes habitam o imaginário social.

O título do folheto (“Seu Lunga: o homem mais zangado do mundo”) mostra a apreciação feita pelo poeta e que coloca o personagem como a representação de impaciência. Representa o mito da grosseria. É o símbolo que possui relação direta com seu significado, por ser carregado da realidade representada subjetivamente pelos poetas e ressignificada quando chega aos leitores/ouvintes.

Mitos são “tudo o que diz respeito à identidade, ao passado, ao futuro, ao possível, ao impossível e de tudo o que suscita a interrogação, a curiosidade, a necessidade, a aspiração.” (MORIN, 1999, p.193) *Seu Lunga* compõe uma narrativa que tende a perpetuar a imagem associada ao signo /Seu Lunga/ seja na literatura de cordel, seja nos discursos orais que são derivados do imaginário, pois representa situações inusitadas, surpreendentes e únicas, com significações variadas.

O imaginário que utiliza /Seu Lunga/ está ligado à eficácia simbólica de sua representação. As referências às conotações se sobrepõem à denotação. O referente primeiro não tem a mesma força representativa, pois os significados que foram difundidos estão ligados ao personagem, reproduzido em outros folhetos por outros cordelistas e na mídia tradicional.

/Seu Lunga/ deixou de ser a alcunha de um homem específico e passa a representar, além dele, pessoas grosseiras e de comportamento rude. Em sentido denotativo, o referente é o homem conhecido como ‘Seu Lunga’, Joaquim dos Santos. Conotativamente, quando falamos em /Seu Lunga/, o sentido está ligado ao personagem dos folhetos ou difunde-se como alcunhas, por exemplo. Quando, no cotidiano, as pessoas respondem grosseiramente de forma inesperada a alguma pergunta, costumam ser chamadas de Seu Lunga, como forma de associação de comportamentos. A conotação faz parte da representação feita pelo poeta nos folhetos.

O signo /Seu Lunga/ pode ser considerado de modo semântico, ou seja, de acordo com seu significado, mas é sua pragmática, ou seja, seus efeitos e usos, é que o caracteriza como símbolo integrante do imaginário nordestino.

## Considerações finais

*Seu Lunga* é um personagem do folclore nordestino e seus significados são mediados principalmente nos folhetos de cordel, que são meios e mediações. Os cordelistas atuam como agentes folkcomunicaçãois, intermediando o conteúdo da cultura popular e aqueles veiculados pela mídia de massa. E enquanto personagem, *Seu Lunga*, a partir desta mediação, é atribuído de significados que fazem dele um mito no imaginário local.

O mito da identidade de *Seu Lunga* é composto pela relação entre significante e significados a que ele remete. Trata-se da criação de um símbolo pela literatura de cordel, que por ter um grande alcance, consegue oferecer a seus personagens permanência no tempo e no espaço. E como símbolo, possui referente, significante e diversos significados.

Os cordéis, com sua linguagem acessível, são capazes de sustentar uma tradição ou um mito, como é o caso de *Seu Lunga*. Foram eles os responsáveis pela divulgação da caricatura que se consolidou e transformou o 'Seu Lunga' real no *Seu Lunga* imaginário, com quem às vezes temos medo de puxar conversa ou de fazer uma pergunta, por desconhecermos o que pode vir de resposta.

/Seu Lunga/ não é mais apenas Joaquim dos Santos, é também o símbolo de grosseria, é o personagem dos folhetos, é o homem mais zangado do mundo. Seus significados são diversos, são conotativos e remetem à metáfora de seu comportamento. A caricatura passa a ser tomada como o referente.

A intenção dos cordelistas que escreveram sobre 'Seu Lunga' era de gerar o riso dos leitores, mas para isso usam anedotas que são, muitas vezes, inventadas. Essas anedotas ofendem o homem real que tem o nome usado como sinônimo de ignorância. Mas enquanto 'Seu Lunga' continuar existindo e se irritando com as conversas do povo, histórias serão inventadas e contadas sobre ele. O mito permanecerá na medida em que o símbolo continuar vivo no imaginário coletivo e nos discursos difundidos tanto nas narrativas orais, quanto nos folhetos de cordel, não esquecendo a contribuição da TV e da Internet na consolidação desta imagem.

Esta reflexão sobre a mudança de referentes do signo /Seu Lunga/ é parte de uma pesquisa mais ampla que tem o objetivo de analisar a construção do personagem *Seu Lunga* nos folhetos de cordel. Esta construção, analisada semanticamente no discurso, passa pela reflexão dos significados que este símbolo adquire quando é mediado e que, ao mesmo tempo, permanece fazendo parte do cotidiano de uma região e apresentando

contradições e comprovações que o tempo todo afastam e aproximam referente e significados. **RIF**

## Referências

ABBAGANANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ABREU, Márcia. **Então se forma a história bonita: relações entre o folheto de cordel e a literatura erudita**. Porto Alegre: Horizontes antropológicos, 2004

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Preconceito contra origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007

\_\_\_\_\_. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2006

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1988

BARBALHO, Alexandre. **Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo**. 2004. ([http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu\\_n8\\_Barbalho.pdf](http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n8_Barbalho.pdf)) Acesso: 15/05/2009

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1972

CARVALHO, Gilmar de. **Lyra Popular: o cordel do Juazeiro**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006

\_\_\_\_\_. **Uma breve história cultural do Ceará**. Anuário do Ceará, 2006. Editora da Fundação Demócrito Rocha

\_\_\_\_\_. **Cordel, cordão, coração**. Revista do GELNE (UFC), v. 4, p. 285-292, 2002

CURRAN, Mark J. A **Literatura de Cordel: Antes e Agora**. *Hispania*, Vol. 74, No. 3, Culture p. 570-576, 1991

**ENTREVISTA**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, n. 9, jan. 1999.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975

KUNZ, Martine. **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

LIMA, Maria Manuel. **Considerações em torno do conceito de estereótipo: uma dupla abordagem**. Revista da Universidade de Aveiro - Letras, Publicação do Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, 1997

(<http://sweet.ua.pt/~mbaptista/consideracoes%20em%20torno%20do%20conceito%20de%20esterotipo.pdf>) Acesso: 06/05/2009

LINDOSO, Ester. **A fantástica construção do nordestino Seu Lunga**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2000  
(<http://br.geocities.com/esquinadaliteratura/autores/ester/ester04.html>) Acesso: 28/04/2009

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005

LUYTEN, Joseph Mari. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1992

MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1999

PASTA JR, José Antônio. **Cordel, intelectuais e o Divino Espírito Santo**. In BOSI, Alfredo(org). **Cultura Brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 2002

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática,1992

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 1996

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2010, 2° ed.

TAVARES JR, Luiz. **O Mito na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995

WILLIAMS, Raymond. **Campo e a cidade, O: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das letras, 1989

\_\_\_\_\_. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992